DOI: https://doi.org/10.59488/tragica.v18i2.62868

Revista Trágica

Volume 18 - Número 02 ISSN 1982-5870

Da civilidade pueril à semente de crápula: um ensaio entre o homem e a alteridade radical

From puerile civility to the seed of scoundrels: an essay between man and the radical alterity

Edson Augusto de Souza Neto

Universidade Federal de Sergipe. Aracaju, SE, Brasil.

Contato: edson.asnt@gmail.com

Resumo: Este ensaio propõe um encontro pela via do contraste entre a obra do teólogo humanista Erasmo de Roterdã (1466–1536) e a obra do poeta e etólogo Fernand Deligny (1913–1996). Distantes no tempo, no espaço e nos interesses, ensaia-se com eles encontros que se dão mais pela via do problema do que pela via de suas tentativas de solucioná-los. Deste ponto, avista-se a silenciosa formulação do *homem* como uma categoria central à emergência da norma e da psiquiatrização da infância, bem como sua possível atualização contemporânea, por meio da difusão diagnóstica do Transtorno do Espectro do Autismo. Constrói-se, assim, uma série de pontuações a fim de pôr em perspectiva problemas contemporâneos da educação, remetendo a temas que, ao parecerem atuais, têm raízes históricas e filosóficas profundas, e, ao parecerem antiquados, mostram-se somente contemporâneos pouco visitados. No interdito, explora-se o desenvolvimento das ideias educacionais de ambos os autores como uma maneira de propor perspectivas outras sobre a educação e a experiência com a alteridade radical.

Palavras-chave: Deligny; humanismo; história da psiquiatria; autismo; infância.

Abstract: This essay proposes an encounter through contrast between the work of the humanist theologian Erasmus of Rotterdam (1466–1536) and the work of the poet and ethologist Fernand Deligny (1913–1996). Distant in time, space and interests, meetings are rehearsed with them that take place more through the problem than through their attempts to solve them. From this point, one can see the silent formulation of *man* as a central category to the emergence of the norm and the psychiatrization of childhood, as well as its possible contemporary update, through the diagnostic dissemination of Autism Spectrum Disorder. A series of scores is thus constructed to put contemporary problems in education into perspective, referring to themes that, when they seem current, have deep historical and philosophical roots, and, when they seem old-fashioned, appear to be only contemporary ones that are little visited. In interdict, the development of the educational ideas of both authors is explored as a way of proposing other perspectives on special education and the experience with radical alterity.

Keywords: Deligny; humanism; history of psychiatry; autism; childhood.

Retos fazeres, trágicos agires

Aqui, busca-se propor um trajeto bastante peculiar: lançar um olhar, ainda que dúbio, sobre a impossibilidade de localização do pensamento e da prática de Fernand Deligny (1906–1996) na esteira de uma certa educação e filosofia educacional. Para isso, toma-se como ponto de contraste a difusão da forma homem ligada à pedagogia, visitada a partir da obra de Erasmo de Roterdã (1466-1536), com uma dessemelhança, que é formulada por Deligny em seu convívio com as crianças autistas. Nesse percurso, o homem assume caráter bastante particular, sendo compreendido, a partir dos estudos de Michel Foucault (1926-1984) acerca da obra de Immanuel Kant (1724-1804) como um ponto de sustentação do pensamento moderno, centro de referência do ente enquanto tal, e usado para a acepção do ente em sua totalidade. O homem, portanto, concebido como aquele que, marcado pela teleologia, é um fim em si mesmo, dada a sua capacidade de produzir, pela razão, seu próprio sistema de fins[1].

Ao se aproximar da discussão acerca do humano, em função do seu vínculo com a experiência autística, Deligny parece construir um refluxo desta figura em um local bastante diverso. Em seus textos, o homem emerge como um estranho elemento, ferido e singular, que, longe de estar erigido em seu império simbólico e à parte do mundo natural, como se dizia outrora, vê-se parte da natureza e subitamente desprovido de sua certeza civilizatória. Não é tanto o seu espírito, mas suas ações, que lhe concederão o ponto comum de articulação com a alteridade. Assim, sua obra pode ser sintetizada como um excêntrico e inconveniente lembrete spinozista de que "o homem não é um império dentro de outro império"[2].

Antes de executar o percurso argumentativo de um ensaio como este, entretanto, é importante introduzir brevemente as implicações destas páginas, a fim de evitar uma ambiguidade teórica e política — posto que não se tem como objetivo situar Deligny ante o cânone educacional, nem lhe reivindicar um local no interior de uma grande "História Geral da Educação ou da Filosofia". Isso porque, embora se busque a sua contribuição para os desafios contemporâneos no âmbito da filosofia, da pedagogia e da psicologia, situá-lo dessa maneira seria tão indesejável quanto contraditório em relação à sua própria obra e vida.

Assim, é também importante que se conceda um destaque devido às obras escritas e às experiências clínico-educacionais de Deligny, que funcionam como exercícios de diferenciação dos modos de fazer da educação e da psiquiatria do seu tempo. Aqui, o trato é com a fuga à expressão hegemônica do paradigma manicomial e da ideia do hospital psiquiátrico como laboratório social — concepções resultantes de uma convergência normativa entre as formas de saber e de poder que se estendem aos dias atuais[3]. Os textos e experiências de Deligny, assim, parecem estar sempre executando uma crítica em relação à individualização, à semelhantização e à normatização.

---

[1] Cf. FOUCAULT, M. *Una lectura de Kant: introducción a la antropologia em sentido pragmático*.
[2] Cf. ROCHA, M.; MIGUEL, M. *Fernand Deligny, Spinoza e o "o homem-que-nós-somos"*.
[3] Cf. FOUCAULT, M. *A história da loucura na idade clássica*.

A análise deste processo normatizador é mais comumente pensada a partir das obras de Michel Foucault[4], destacando-se *A História da Loucura*; mas é relevante considerar que a obra de Deligny[5] parece ensaiar, décadas antes, ainda que de forma pouco sistematizada e mais intuitiva, as consequências da forma de pensamento normativa, uma deriva histórica da modernidade. Um bom exemplo disso é *Pavillon 3*, obra na qual o autor registra criticamente sua experiência no asilo de Armentières, na França. Hoje, tais instituições psiquiátricas são consideradas mais nitidamente como lembranças de uma tragédia histórica, dados os altos níveis de mortalidade dos internos por desnutrição, doenças contagiosas e maus-tratos[6].

Sobre essa a obra de Foucault[7], é importante pontuar que, derivada de sua tese de doutorado, e tendo a primeira publicação sob o título *Folie Et Déraison*, em 1961, pela editora Plon, só em 1972, voltou a ser publicada sob o título *Histoire De La Folie À L'âge Classique*, pela editora Gallimard. A diferença se deu pelo prefácio reescrito, que havia sido motivo da severa crítica de outros pesquisadores, especialmente de Jacques Derrida, que expressou discordância explícita quanto à maneira como Foucault compreendia o processo de separação entre a razão e a des-razão no século XVIII, com a emergência da categoria de doença mental. Para Derrida, tal separação é mais antiga, e a emergência da categoria patológica consiste em uma mudança muito menor do que o prefácio supunha, como um desdobrar-se interno de uma cisão preexistente. A data do original, citado ao longo deste artigo, refere-se a esse segundo manuscrito, sem o prefácio, mas cabe observar que a formulação da maioria de suas ideias é anterior, quase contemporânea à obra de seu mestre, Georges Canguilhem[8].

Deligny, por sua vez, executa junto às crianças autistas uma curiosa operação de pensamento. Ante a compreensão corrente de que o lugar do espírito é a linguagem, ele reencontrará junto àquelas figuras um agir que é mais arcaico que o espírito, e que lhe toma, portanto, o posto no que se refere à criação de uma rede com elas. Este *agir*, desprovido de uma natureza psíquica da ordem da intencionalidade, e que se executa em um certo tempo infinitivo, diferencia-se do *fazer* finalista, mas constitui um aparelho de rastreio e de trama do lugar coabitado. Como lembra Séverac[9], o trabalho de Deligny, na esteira de Nietzsche e de Wittgenstein, relembra que a definição de si próprio repousa em solo menos firme do que se supõe — habita o âmbito da invenção ou ficção gramatical do eu. Estas crianças parecem vivenciar uma experiência bastante diversa: corpo disperso, fragmentado, desidentificado ou sem identidade fixa.

Em função disso, Deligny caminha com a busca por uma identidade comum, não linguística ou simbólica, que produza comunidade sem produzir semelhantização. Nesse sentido, substitui a interpretação pela iniciativa que, lúdica ou laboriosa, gestual, escrita ou filmada, substitui o posto do espírito na construção da rede, em uma troca que se dá no abandono do espírito em detrimento da natureza. Trata-se, por assim dizer, de uma desvalorização das faculdades ordinárias — autoconsciência, entendimento,

[4] FOUCAULT, M. *A história da loucura na idade clássica*, §1, p. 2.
[5] Cf. DELIGNY, F. *Pavillon 3*.
[6] Cf. FICHET, M. *Fernand Deligny: un innovateur social aux prises avec les circonstances (1938-fin des années 1950)*.
[7] FOUCAULT, M. *A história da loucura na idade clássica*, §1, p. 2.
[8] Cf. CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*.
[9] Cf. SÉVERAC, P. *L'agir au lieu de l'espirit*.

projetualidade etc. — e de uma valorização de uma normatividade distinta da intencionalidade. Com isso em mãos, seria possível articular contribuições que, mesmo distantes de um compêndio canônico, se mostrem capazes de desdobrar e produzir desvios nas raízes da educação atual?

Para pôr em andamento tal proposta, lança-se uma âncora no tempo, em uma busca pelas formulações da concepção de homem que, afeita a formas certas de pensar o espírito, habita e constitui os projetos políticos e pedagógicos que nos são contemporâneos. Em certo contraste, que é propositalmente artificial e arriscado, faz-se despontar as diferenças entre as obras fundamentais do padre, filósofo e teólogo Erasmo de Roterdã e as obras do etólogo e poeta Fernand Deligny. O intuito, com isso, não está — como não poderia — na atribuição de responsabilidades ou contra-argumentações 400 anos distantes no tempo, mas, diferentemente, na busca pela variação histórica e conceitual do tema do homem e do humano, do qual Erasmo é exímio porta-voz.

Este ensaio é dividido em (1) uma discussão em torno da articulação entre a civilidade atrelada à similitude e à ideia de homem como modelo virtual do comportamento desejável e ponto fulcral da compreensão da totalidade dos entes; (2) a diferenciação entre a loucura e a idiotia, bem como o papel dessa segunda na emergência do poder psiquiátrico atrelado ao tratamento moral; (3) o papel do conceito de homem nas propostas pedagógicas e psiquiátricas, com especial destaque à perspectiva de Erasmo de Roterdã sobre a loucura. Por fim, encerra-se com uma breve síntese que convoca ao questionamento sobre a ética e a estética atreladas à convivência e à habitação.

A civilidade e o homem

> A arte de instruir a criança consta de diversas etapas. A primeira e principal consiste em fazer com que o espírito ainda tenro receba as sementes da piedade; a segunda, que tome amor pelas belas artes e aprenda bem; a terceira, que seja iniciada nos deveres da vida; a quarta, que se habitue, desde cedo, com as regras da civilidade[10].

A figura do homem composta pelos textos de Erasmo e de seus contemporâneos assume como central o papel da instrução infantil na formação do homem civilizado e racional. Este ideal, fortemente marcado pelo humanismo como movimento do pensamento, foi bastante difundido junto às ideias que tomariam a Europa em sua transição do final da Idade Média para o início da Modernidade. Nesse momento histórico, o aumento demográfico, sustentado pelo desenvolvimento de novas técnicas agrícolas, o surgimento da imprensa e de outras invenções, como a bússola e a pólvora, passaram a convocar o aumento da população urbana, atrelada a uma progressiva mudança nas formas de vida e nos eixos de poder[11].

É importante ter em vista que este homem, agora se percebendo central às artes e à técnica, vê-se em uma posição bastante diferente de outrora. Deparando-se com o

[10] ERASMO. *De pueris (dos meninos): a civilidade pueril*, p. 144, grifo nosso.
[11] Cf. PINTO, M.; JARDILINO, J. *A educação no alvorecer da modernidade: "o projeto pedagógico" de Erasmo De Rotterdam*.

papel de agente transformador da realidade, ele terá como marco cultural da sua época o Humanismo Renascentista, que constituirá, junto à Reforma Protestante, uma das principais forças de oposição aos preceitos católicos que marcavam o teocentrismo medieval. É desse período, e, mais especialmente, do momento convencionado como início da Idade Moderna, que se verá emergir obras clássicas, como *A História do Dr. Johannes Faust*, de Johaness Spies[12], que ecoará por séculos a fio na literatura. Na obra, o protagonista, encantado pelas ciências e artes mágicas, empenha sua alma a um diabo — um lembrete de que, a despeito dos poderes humanos, a salvação só viria àqueles cidadãos simples, modestos e de boa índole. O romance, que marca um divórcio entre o luteranismo e o humanismo, também distancia inicialmente a Alemanha do restante da Europa, que se verá tomada, em maioria, por essa segunda forma de pensamento. Como exemplo, no início da obra, lê-se a moral da história a ser contada:

> O temor ao Senhor protege quem peca / Logo, quem cavalga sem temor não ficará aquém de Deus e a sua liberdade o derrubará. Resista ao Diabo e ele fugirá de você[13].

As propostas de Erasmo se comunicam diretamente com a disputa espiritual de sua época, travada entre o luteranismo e o humanismo. É conhecida, por exemplo, sua grande discordância acerca da ideia luterana de livre-arbítrio, que, na visão do humanista, seria excessivamente restritiva e daria excessivo destaque aos aspectos negativos do homem. Para os luteranos, este ser, desgraçado, dependeria totalmente da graça divina para encontrar a bondade e a beleza. A discordância com Martinho Lutero (1483–1546) e o comprometimento com o humanismo, que chegaria a ser expressa em algumas de suas cartas ao líder protestante, não significam, entretanto, que a obra do autor se distancie de alguma maneira do cristianismo. Erasmo[14] executaria suas críticas simultaneamente à Igreja e aos luteranos, expressando com exímio as tensões do pensamento em sua época. É nesse sentido que Delumenau[15] chega a afirmar categoricamente que o humanismo teria sido muito mais religioso do que se costuma descrever, e que seus precursores seriam espíritos religiosos, ainda que mais independentes em relação à Igreja, se comparados aos pensadores da Idade Média. Erasmo é, assim, dada a sua relevância e a sua posição, uma figura bastante emblemática do seu próprio tempo.

A observação atenta das obras de Erasmo[16], especialmente de *Dos Meninos: A Civilidade Pueril*, que será assumida como um dos eixos centrais deste texto, indica elementos importantes da concepção do filósofo sobre esta ideia de homem, que começa a se formar na puerilidade. Formula-se, em sua obra, uma etiqueta do corpo e da alma, que se traduz em regras enumeradas: olhares plácidos, respeitosos e circunspectos;

---

[12] Cf. SPIES, J. *Historia vnd Geschicht Doctor Johannis Faustj*.
[13] Tradução livre da obra alemã *Historia vnd Geschicht Doctor Johannis Faustj*, originalmente anônima. Na capa, é possível ler: *Die Forcht des Herren wehret der sündt / dann wer ohn Forcht fehret der gefehlt Gott nicht vnnd seine Freyheit wirdt Jn stúrtzen. Resistite Diabolo et fugiet à vobis*.
[14] Cf. ERASMO. *Elogio da loucura (Encomium moriae)*.
[15] Cf. DELUMENEAU, J. *Nascimento e afirmação da Reforma*.
[16] ERASMO. *De pueris (dos meninos): a civilidade pueril*, §4, p. 4.

sobrancelhas distendidas; fronte ridente e descontraída; nariz limpo com uso de lenços; lábios que se tocam de leve, sem premirem-se; bocejos ocultos pela mão e marcados pelo sinal da cruz; dentre outras regras para o busto, o pescoço, a flatulência, as pernas, a genuflexão, vestes e toda sorte de comportamentos pueris, que se estendem, em parte, aos hábitos da etiqueta adulta contemporânea.

Como indica Phillipe Ariès[17], as propostas educacionais de Erasmo formulariam em manual a própria noção de civilidade, que garantiria a difusão social da pedagogia das boas maneiras, fixando-a nestes termos por, ao menos, três séculos. Também seria uma considerável novidade da sua obra o destaque dado ao início da vida, quando o indivíduo ainda estaria, por princípio, livre dos vícios presentes nos adultos, que seriam os principais obstáculos à educação e à construção da civilização. Erasmo[18], com isso, possui papel central no alvorecer de uma concepção da infância como um projeto; ou seja, como a existência de um ser ainda em porvir, incompleto em relação ao homem que se almeja.

A obra, que se faz basal na formulação do processo educacional infantil, dá extensão a uma tradição compósita que recorre sobremaneira a Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C), Cícero (106 a.C. – 43 a.C.), Plutarco (46 d.C. – 120 d.C.) e Quintiliano (35 d.C. – 96 d.C.), além de fazer usos de provérbios, fábulas e máximas que lhe indicam um saber acessível, simples e pretensamente insensível às modas, rés à compreensão moral do mundo e da convivência que o autor articula e desenvolve. A leitura psicológica a ser depositada nos gestos — e, por consequência, na etiqueta —, assim, carrega consigo a ligação entre eles e a vida interior, como uma revelação do espírito profundo do homem e uma ponte construída também entre sua moral íntima e as formas desejáveis de convivência[19].

O projeto pedagógico de Erasmo é determinante na difusão de uma nova concepção educacional, e radical em suas críticas ao modelo educacional de sua época. Em *De Ratione Studii*[20], ou "Plano de Estudos", publicada originalmente em 1511, uma das principais obras sintéticas do humanismo renascentista, dedicada ao seu amigo, Pierre Viterius, professor de artes liberais em Paris, o filósofo propõe um currículo-modelo de grande influência para as escolas e universidades europeias. No documento, é marcante a defesa da valorização dos saberes dos filósofos antigos, grandes influências em sua obra. Para ele, teria cabido aos pagãos, por meio das suas maiores descobertas, como a descoberta da arte da retórica, a construção de um saber sólido, que seria parte do projeto divino de fornecer bases para que o cristianismo fosse purificado em sua essência. Uma defesa, assim, das chamadas boas letras, sistematizadas em torno dos conceitos de *inventio* e de *elocutio*: duas, das cinco tarefas atribuídas aos oradores antigos[21].

Além de *inventio* e *elocutio*, faculdades que podem ser compreendidas respectivamente como a capacidade de descobrir verossimilhanças e causas prováveis,

---

[17] ARIÈS, P. *Por uma história da vida privada*, pp. 9-20.
[18] ERASMO. *De pueris (dos meninos): a civilidade pueril*, §4, p. 4.
[19] Cf. REVEL, J. *Os usos da civilidade*, pp.169-208
[20] Cf. MARGOLIN, J.-C.; MICHEL, A. *Un Maître ouvrage de pédagogie humaniste: le plan des études d'Érasme (1512)*.
[21] Cf. PINTO, F. *O* De Ratione Studii *(ou Plano de Estudos), de Erasmo de Rotterdam*.

e a capacidade de acomodar as palavras e sentenças adequadas à invenção, outras três também eram sistematicamente convocadas. Assim, havia, ainda: *dispositio*, que corresponde à capacidade de ordenar e distribuir as coisas; *memoria*, a apreensão, no âmbito do ânimo, das coisas, das palavras e de sua disposição; e *pronuntiatio*, a faculdade da voz, do gesto e do semblante.

Esta *inventio*, especialmente quando compreendida a partir de Cícero, se orienta mais para o âmbito da escolha das boas palavras existentes, da descoberta de novos e bons argumentos, do que da mera invenção de novas palavras. É neste âmbito que, para Erasmo, reside a arte da palavra: a articulação entre o argumento e o uso artístico da linguagem. Essa arte se dá, necessariamente, em uma união entre *res* (conteúdo) e *verba* (forma). A capacidade inventiva do aluno é, assim, central ao processo, e caminha na direção de desatar-lhe da imitação, das técnicas de memorização dominantes na pedagogia da época, e entregar-lhe à formulação de julgamentos e juízos próprios. Somente tal educação, atenta ao peculiar, permitiria o desenvolvimento das potencialidades naturais e capacitaria o homem a dispor de sua razão. No ensino, em vez das repetições gramaticais, as interessantes sentenças morais dos sábios antigos e da doutrina cristã é que fazem despontar o gosto pela leitura. Este bem falar, assim, caminharia ao lado do bem julgar e do bem agir.

Em *De Utraque Verborum Ac Rerum Copia*, publicada originalmente em 1512, e atualizada ao longo da vida do autor, Erasmo busca, no estudo da retórica, elementos corolários para a compreensão da escrita. Seu caminho aponta para a importância de que o estudante domine a retórica no âmbito de seus estudos, traduções e falas, para que não se constranja, mas, sim, para que se mostre capaz do domínio de seus próprios meios de expressão. A obra, assim, alia-se à moral dos antigos, agora considerada purificada pelo evangelho cristão, na formação de indivíduos capazes de criatividade e responsabilidade — característica de união entre *latinitas* e *christianitas* que é apresentada em várias obras do autor. O projeto pedagógico erasmiano, assim, inicia debruçado sobre os jovens cujo aprendizado já contemplava a leitura, como no caso de *De Utraque Verborum Ac Rerum Copia*, e mesmo a questão do currículo e da arte da fala, como em *De Ratione Studii*. Caberia a uma obra posterior, *De Pueris* a temática da educação propriamente infantil[22].

É curioso que tal obra sobre a educação infantil, de relevância conhecida, foi criticada pela simplicidade do seu texto, visto à época como de média ou baixa erudição, obra menor e comum. Restou à história atribuir à obra *Dos Meninos* três grandes inovações em relação ao momento em que foi produzida: (1) dirigir-se às crianças, quando o mais comum para a época seria dirigir-se a jovens e adultos; (2) dirigir-se indistintamente a todas as crianças, e não exclusivamente a jovens das elites; e (3) buscar ensinar a todos um código universal, não remetendo a grupos, classes sociais, ou meios restritos na educação das boas maneiras. Tais novidades parecem se estender aos pensamentos pedagógicos e psicológicos contemporâneos dirigidos à infância, inclusive acerca da concepção sobre o modo do desenvolvimento intelectual e moral.

[22] PINTO, F. Op. Cit. §1, p. 7.

Em um trabalho dedicado ao estudo da educação do corpo da criança pequena como um elemento central do projeto civilizador, Linhales e Silva[23] optam por tomar a obra de Erasmo sobre a civilidade pueril como um importante elemento da arte da educação infantil. A escolha do texto pelas autoras, nesse caso se dá tanto como a tomada de um marco inicial do debate da educação infantil, quanto como metáfora para análise das representações sociais. Isso porque a quantidade de traduções, inspirações e interpretações de uma obra de tal magnitude se estendeu, intensamente, por ao menos três séculos. Em tais deslocamentos, o livro orientador do processo educativo infantil viria a encarar mudanças no próprio percurso da civilidade, para a qual cumpriria uma função mediadora, uma normativa básica que se difundiria nas bases do projeto civilizador.

Para as autoras, as ideias de *Dos Meninos* ressoariam também na produção de representações sociais associadas à bondade das crianças e à sua educabilidade, que, por sua vez, se articulariam a um projeto de escolarização da civilidade. Tal projeto moderno convergiria em escolas religiosas, que teriam reconfigurado o seu modelo em um instrumento disciplinar, e os novos contornos dos manuais derivados da obra passariam a incluir ativas vigilâncias do tempo e dos modos das crianças, chegando ao presente como uma educação infantil que se pretende corporal, mas que, agora, é reacomodada e ajustada a um dispositivo com diversas novas camadas.

A afirmação da escola moderna, assim, teria feito ofuscar da contribuição original de Erasmo elementos como a importância da sensibilização das crianças e a importância das lições aprendidas no ambiente familiar a partir da imitação. Esta educação escolar teria passado a priorizar a hierarquia, a obediência, o controle externo e o corpo disciplinado à leitura. Em meio a uma teia de interesses políticos, culturais e socioeconômicos, o equívoco logo estaria posto: a confusão, ou a produção de uma articulação, entre *civilizar* e *escolarizar*.

Com fim a produção do homem desejável, pode-se estender exemplos sobre a supracitada articulação: a aproximação entre higiene corporal e higiene social; a associação entre o funcionamento termodinâmico das máquinas industriais e o funcionamento do corpo humano; a definição de posturas e gestos autorizados e proibidos para as aprendizagens; e mesmo a definição universal de estágios do desenvolvimento humano. Em meio a tal articulação, ressoa, reinterpretada e sistematizada, a outrora inaugural articulação entre os gestos e o espírito, bem como a centralidade da criança na formação do homem. A cultura corporal anunciada por Erasmo, assim, torna-se tarefa escolar e modelo ético-político imerso no que se compreende como modelos do corpo e da infância que surgem em cada época. Parece-nos que é essa maquinaria que Deligny desafia ao se associar à infância autística, distante aos seres da linguagem, e à infância inadaptada, distante do modelo de homem de seu tempo; ambas à mercê de um funcionamento sociocultural cujo modelo lhe é refratário.

[23] Cf. LINHALES, M.; SILVA, G. *A educação do corpo da criança pequena como um projeto civilizador: ressonâncias no debate educacional brasileiro*.

A criança como semente, na civilidade pueril de Erasmo[24], e a semente do crápula, na infância inadaptada que seria tema de Deligny[25], ainda que distantes em seus princípios e em seu tempo, compartilham, em alguma medida, uma estética literária que também interessa. Se o teólogo separa o seu texto em pequenos tópicos que tratam dos códigos de comportamento; o etólogo, em sua obra autocriticada, se dirige aos educadores com suas 136 pequenas fórmulas aforísticas. Se o primeiro pretendia formular o homem a partir da criança, o segundo, com objetivo menor, parece convocar memórias aos educadores de que este homem é só uma das formas possíveis de existência.

Existem, assim, duas maneiras de se prosseguir com a analítica destas questões, para que se evitem anacronismos. A primeira consistiria na montagem de uma formulação histórica que contextualizaria a obra de Erasmo em seu tempo e seguiria, cronologicamente o desenrolar de suas ideias até os efeitos do cânone educacional no contemporâneo. Isso, entretanto, corresponderia a um estudo exaustivo que se distanciaria do objetivo e limite deste texto. A segunda, mais modesta e mais compatível com a proposta de um ensaio, consistiria em fazer comunicar os *problemas* sobre os quais se debruçam tais obras.

Problema, nestes termos, compreendido enquanto conceito, enquanto aquilo que convoca o pensar a um tensionamento que é, dentre outras coisas, epocal; ou seja, aquilo para além da *questão*, da pergunta cuja resposta é convocável, suficiente e silenciadora. Se as questões de Erasmo[26] foram respondidas em seus textos e cessaram em sua publicação, são os seus problemas que convocam atualmente sua obra à relevância[27]. Por esta via, na qual um manual de educação infantil nos convoca ao homem e à infância inumana, os séculos talvez possam, por um breve instante, compor o plano de fundo de nosso campo — jamais sendo esquecidos, portanto —, a fim de se ouvir aquilo que os problemas ainda nos comunicam.

Há de se lembrar, para tanto, que *Semente de Crápula* é escrito quatro séculos depois de *Dos meninos*. Quando a obra de Erasmo é publicada, está em voga uma mudança bastante própria de cosmovisão, convocada pela bússola e pelas grandes embarcações. A Alemanha lidava ainda com a Dieta Imperial e com a tentativa de síntese das doutrinas teológicas, que culminaria na rejeição à Confissão de Augsburg — que separaria luteranos e católicos. Quando Deligny publica as suas palavras, o mundo já assiste à queda do regime nazista alemão. Na França, cinco anos antes, a rápida vitória do eixo sobre o país, até então considerado uma importante potência bélica, teria sido motivo de suposta surpresa e grande estupor.

Ainda assim, quando Deligny, que trabalharia com as chamadas crianças inadaptadas — classificadas de "infelizes", "dotadas de desvios morais" ou "deficientes" — escreve sobre suas experiências nas áreas judiciais, clínicas e educacionais, encontrará o substancial desejo institucional da construção de uma forma

[24] ERASMO. *De pueris (dos meninos): a civilidade pueril*, §3, p. 5.
[25] Cf. DELIGNY, F. *Semente de crápula: conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la*.
[26] Cf. ERASMO. *De pueris (dos meninos): a civilidade pueril*, §4, p. 4.
[27] Cf. WILLIAMS, J. *Pós-estruturalismo*.

de homem, ser da racionalidade e da linguagem, persuadida ou disciplinada para tal. Suas obras, hoje, passam a ser retomadas como contribuintes para o pensar a alteridade, propondo, sob uma perspectiva mais topográfica e espacial do que individual e de treinamento, modos de cuidar não normativos[28]. Sob o risco de simplificação, pode-se dizer que Erasmo[29], ao observar as mudanças do seu tempo, via ser firmado a figura do homem, igualmente capaz de difundir a educação e de ser corolário de uma demanda normativa que se estenderia séculos a fio; e que, esta, ao alcançar a França do século XX, ergue um grandioso edifício moral, pedagógico e psiquiátrico, ao qual Deligny[30] relembra e contrapõe aqueles à margem, especialmente as classes de "crianças ineducáveis", "adolescentes invisíveis" e "encefalopatas profundos"[31].

De um ponto de vista da problemática dos autores, a radicalidade de Deligny levanta importantes problemáticas. Por certo, o francês propõe formas de convivência mediadas pela presença e pelo espaço, e faz considerar que a linguagem e a racionalidade talvez não digam tudo acerca do humano, ou mesmo sobre o que lhe é mais especial. Isso porque o balbuciar e o mutismo das crianças autistas em seu convívio põe em questão mesmo as estratégias consideradas mais democráticas para a saúde mental da época, como a assembleia. Afinal, àqueles refratários à linguagem, a forma de convivência política mediada pelo poder da fala, pela imagem do homem que fala, ainda é um problema em franca abertura.

Crianças que não aprendem e a infância asilar

> E ano após ano, algumas marionetes aqui, uns corais ali, testes e tretas, complexos e estatísticas, congressos e relatórios tecem uma rede de camuflagem em torno desse misterioso lixo social da infância inadaptada que morre em cortiços, dá errado em casas burguesas e definha com frequência bem maior do que se admite nos anexos de prisões ou de estabelecimentos inumanos.[32]

Em 1939, Deligny começou a trabalhar no Hospital Psiquiátrico de Armentières, uma das maiores instituições francesas de saúde mental. Chegaria a deixar o posto brevemente, mobilizado pelo exército, mas voltaria para uma Armentières já controlada pelo regime nazista, após o rápido armistício da França. Ocupando atividades no Instituto Médico Pedagógico (IMP), estaria em constante contato com as crianças classificadas como "atrasadas intelectualmente". Logo, com um bombardeio que atingiria o asilo, Deligny se tornaria educador no pavilhão 3, tendo sob sua responsabilidade ainda mais direta as crianças "atrasadas" e "ineducáveis". Seu trabalho junto a esses infantes renderia uma série de artigos publicados com Paul Guilbert, o diretor médico do IMP, pelo Ministério da Justiça francês. Em 1945, ano da escrita de

[28] Cf. MENDES, M.; CASTRO, E. *Fernand Deligny e uma clínica por vir: mobilizações sobre modos de cuidar em saúde mental na infância e adolescência*.
[29] ERASMO. *De pueris (dos meninos): a civilidade pueril*, §4, p. 4.
[30] DELIGNY, F. *Semente de crápula: conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la*, §4, p.9.
[31] Cf. ARAGON, L. *Deligny clínico*.
[32] DELIGNY, F. *Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores*, p.18.

Semente de Crápula, ele seria nomeado como diretor do primeiro Centro de Observação e Triagem (COT) da região Norte, em Lille[33].

O Centro reuniu 80 adolescentes fugidios das casas de correção, que passaram a ser acolhidos pelo diretor. Sua experiência no asilo e no COT, bem como na rede La Grande Cordée, no Hospital Psiquiátrico de La Borde e outras instituições de saúde mental, o levaram à construção posterior de uma rede que ofertaria cuidados às 'crianças inadaptadas', especialmente os "encefalopatas profundos" — aquelas que, hoje, nos referiríamos, provavelmente, como pessoas com transtorno do espectro autista com alto grau de suporte. Esta rede, que encontraria lugar de origem somente em 1967, seria vista como uma de suas principais contribuições no âmbito clínico e pedagógico[34].

O pedagogo guardaria consigo, assim, uma preocupação com a etologia humana, que, entretanto, não seria orientada para uma biologia estrita, a propor explicações generalizadas para a existência daqueles à margem — o fossem por conflitos com a lei ou pela excentricidade de seus comportamentos. Seguindo por outra direção, sua concepção etológica anunciaria os limites linguísticos que considerava serem expostos pela experiência autística e pela radicalidade da convivência entre ela e os homens da linguagem. Anuncia, portanto, uma atualização do debate entre natureza e sociedade que se dá, agora, entre a experiência e a topologia.

Ocorre-lhe que o real evocado, de acordo com o sentido que o homem lhe concede, nem sempre é o mesmo: real é o que se encontra sempre no mesmo lugar, ou se movimenta por seu próprio movimento; outrora: real é o que se encontra na hora certa, como na mesma hora da noite desponta a mesma estrela em tal meridiano — e que, portanto, é sempre a mesma. Constrói-se primeiro, curiosamente, o marco celeste e, só depois, faz-se uma carta geográfica do globo. Apesar disso, lembra Deligny[35], não era fácil ver, entre aquelas crianças, as referências em seu deslocamento espacial, posto que, ainda que reparassem no nome, isso não lhes indicava especial entendimento, mas, antes, um reparar que, infinitivo, inclui-se em uma experiência fugidia à linguagem. Os mapas produzidos pelas presenças próximas às crianças, assim, remetem aos próprios seres linguísticos, que mapeiam como o homenzinho mapeava as estrelas, para se situar minimamente; para que se possa criar campo com essas crianças. Imaginar o que aqueles pontos de referência são para elas, entretanto, é constituir a elaboração de uma mitologia, como o homenzinho que se projeta em grande dimensão ao pensar as constelações e suas histórias míticas.

É nesse sentido que sua obra caminha rotineiramente com o desafio tênue de uma pedagogia que se faz "junto com o agir autista e não sobre o agir autista"[36]. Ainda que ambos concordem que estrelas, no que se refere ao real, estejam fora, há uma cisão entre Deligny e psicanálise lacaniana precisamente quando essa segunda reitera uma estruturação linguística que constitui o universo interior do homem, enquanto o primeiro aponta para a ideia de que um ser humano que não tem consciência de ser é,

[33] Cf. MATOS, S. *O pedagogo francês Fernand Deligny (1913-1996) e a sensibilidade estética da existência autista*.
[34] Ibidem, §3, p. 11.
[35] Cf. DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*.
[36] MATOS, S. Op. Cit., §3, p. 11.

também, o real — é, também, refratário ao que funciona no simbólico. O etólogo se propõe, assim a suspender as interpretações simbólicas desse agir, costumeiramente convocadas pela psicanálise, e enfocar, em seu lugar, o acompanhamento cartográfico dos modos de habitar o território. Com isso, Deligny[37] se furta do que chamará de semelhantização: o homenzinho que se projeta gigante sobre as estrelas, ou uma forma de pensamento que busca ver naqueles seres sua ausência ou falha em relação ao homem.

Rocha e Miguel[38], dentre as suas várias contribuições para o estudo brasileiro das obras de Deligny, relembram que a interpretação supõe, em primeiro lugar, um código que dê sentido a si própria, e, depois, a sua atribuição a um certo conceito de homem. Tal conceito é, necessariamente, a concepção de um modo de existir, um modo que nos é familiar e que constitui uma norma abstrata a qual os indivíduos devem tender, ainda que virtualmente. A aposta de Deligny é, em sua base, mais simples no que se refere às suas premissas: criar um comum com pessoas que funcionam de forma radicalmente diferente, ao invés de convocá-las ao homem que nós somos. Nesse seu projeto topológico ou territorial, o comum é, portanto, ponto de partida e objetivo. Sua cartografia é a construção do espaço comum e sua diferenciação a favor da convivência. Mas como afastar as crianças da passividade e lhes propiciar algum bem-estar? E como tirar os adultos dos seus finalismos? Eis os problemas de Deligny quando reposiciona a questão do humano: habitar territórios entre fazeres, ligados à teleologia linguística, e agires, ligados à ação no campo do real.

Se retornamos brevemente ao pensamento de Foucault[39], às voltas com Kant e com o problema do homem como elemento de compreensão da totalidade dos entes, pode-se reencontrar aqui um antigo problema, ainda contemporâneo. Torna-se possível vislumbrar tal articulação na forma de expressão técnica que se dá (1) na disposição espacial do ambiente e nos mapas de Deligny — abertos, voltados ao acompanhamento do real e à produção de um convívio com uma alteridade bastante radical —; (2) na concepção pedagógica de Erasmo — suas definições de como educar, como transmitir saberes, como formular o homem futuro e o seu espírito —; e, (3) no aparato moral e técnico desenvolvido nos séculos XVII e XVIII — espaços fechados, controle da experiência como laboratório social, produção de pedagogias especiais para normatização do desvio.

Nesse sentido, quer-se dizer que é preciso ver o homem na experiência de Bentham[40] quando ele imagina o seu panóptico, paradigma das escolas, prisões, conventos e outras instituições disciplinares. A estrutura, na qual há uma torre de observação central e um anel de celas ao redor, das quais se pode ver a torre, mas, não, se há alguém a observar, é apresentada pelo autor como uma experimentação metafísica. Para sua investigação, seria próprio pôr as crianças, logo após o nascimento, naquela estrutura, antes que começassem a falar ou a tomar consciência, para que se pudesse acompanhar a genealogia de cada uma de suas ideias. O autor, à sua maneira, se

[37] DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*, §3, p. 12.
[38] ROCHA, M.; MIGUEL, M. Op. Cit., §1, p. 2.
[39] FOUCAULT, M. *Una lectura de Kant: introducción a la antropologia em sentido pragmático*, §1, p. 2.
[40] BENTHAM, J. *O panóptico; ou a casa de inspeção*, pp.13-88.

inscreveria em uma tradição de pensamento fundamental para a época, convocando, consigo, tanto a concepção genética de Étienne Condillac (1714-1780) — filósofo empirista, normalmente considerado mais radical do que John Locke (1632-1704), por rejeitar quaisquer ideias inatas — quanto o ideal tecnológico de Claude-Adrien Helvétius (1715-1771) — que, influenciado por Locke e Condillac, pretendia levar a sua filosofia empirista ao debate moral e político; trânsito, novamente, do homem ao mundo, mas no qual, em lugar da faísca divina a ser alimentada, se vê a operacionalização do homem a partir de sua experiência.

Se séculos antes Erasmo[41] estava a formular manuais de etiqueta nos quais a persuasão da criança em direção à moral seria central para a condução do homem à civilidade, aqui vemos, ao mesmo tempo, não uma oposição, mas uma progressão de um deformado espelho dessa ideia: a infância inadaptada como centro da intervenção pedagógico-psiquiátrica. É por esse caminho, por exemplo, que Canguilhem[42] chegará à concepção, que articula adequadamente a educação e a psiquiatria, de que "Normal é o termo pelo qual o século XIX vai designar o protótipo escolar e o estado de saúde orgânica". A emergência desse maquinário de normas, da maneira como Foucault[43] compreende, aponta que a emergência desse poder sobre a infância não teria nascido com a figura da "criança louca" — que, para ele, é tardia e só seria tema central com a emergência da histeria nos trabalhos de Charcot, por volta de 1880. A centralidade da criança e da infância adviria, paradoxalmente, de outra figura: a "criança imbecil" ou a "criança idiota", que, logo, passaria a ser formalmente tratada mais genericamente por "criança retardada", em evocação temporal que situa a condição de idiota como momento desenvolvimental do indivíduo do qual alguns não progridem. É em formulação bastante explícita que Jean-Étienne Esquirol define que "A idiotia não é uma doença, é um estado no qual as faculdades intelectuais jamais se manifestaram ou não puderam se desenvolver o suficiente"[44] e que evoca, para tanto, noções cronológicas e de desenvolvimento consideravelmente novas em termos psiquiátricos — o idiota é, precisamente, aquele que não se desenvolve conforme a norma.

Uma série de transformações ocorreriam após as formulações de Esquirol[45], mas, nelas, encontramos os elementos principais para o vislumbre da relação entre o pedagógico e o psiquiátrico. O surgimento dos primeiros asilos voltados a esse público, entretanto, só ocorreria a partir de uma outra orientação: a necessidade de locais onde os pais pudessem deixar os filhos "anormais" para que continuassem trabalhando. Nesse sentido, a emergência de tais instituições convocaria mais a retirada do encargo do cuidado do que o desenvolvimento da aptidão dessas crianças ao trabalho[46]. O esforço de separação entre as categorias de "idiota" e "louco", entretanto, logo convocaria a categoria abstrata e sintética de "alienação mental", que justificaria, para

[41] ERASMO. *De pueris (dos meninos): a civilidade pueril*, §4, p. 4.
[42] CANGUILHEM, G. Op. Cit. §20, p. 2.
[43] FOUCAULT, M. *A história da loucura na idade clássica*.
[44] Cf. ESQUIROL, É. *Des maladies mentales: considérées sous les rapports medical, hygiénique et médico-legal*, §14, p. 13.
[45] ESQUIROL, E. *Des maladies mentales: considérées sous les rapports medical, hygiénique et médico-legal*.
[46] Cf. FOUCAULT, M. *O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)*.

Edouard Séguin (1812-1880), educador e médico renomado, a estadia de ambos em grandes asilos voltados para o chamado "tratamento moral"[47], de caráter fortemente pedagógico.

A obra de Séguin é marcada pela ideia de que todos seriam capazes de aprender. No caso da idiotia, ainda que tal educação plena não pudesse ser concedida, seria possível, ao menos, o alívio pelo seu método fisiológico de ensino e a aproximação de uma forma civilizada de homem. A constituição do seu método se orientava por uma disputa de vontade entre o adulto e a "criança retardada", cuja vontade de não ter vontade seria determinada, como uma forma anárquica, contrária à ordenação monárquica necessária ao indivíduo. Relegando aos pais o eventual direito à dor, para ele o mestre deveria exercer o seu poder somente por meio da autoridade manifestada em seus traços corporais: fisicamente impecável, porte franco, palavras e gestos nítidos, voz gutural, olhar inexpressivo. Por essa ligação física, exemplar, o corpo do mestre — ou psiquiatra — transmitiria o conteúdo pedagógico que tornaria o corpo aprendiz semelhante a si.

Inicialmente, é preciso ensinar a "criança idiota" a olhar para o seu mestre, conter seus braços e pernas por meio do corpo do próprio adulto, captá-la fisicamente. Depois, ensiná-las a alinhar seus corpos empregando-as todo o tempo até irem se deitar: acordar, lavar, vestir, escovar roupas, engraxar sapatos. Em última instância, fornecer-lhe devido tratamento moral ao trazer e sistematizar a disciplina no interior do asilo com intuito de instruir para a vida externa e os modos de viver em sociedade. Com isso, já em 1904, por exemplo, em tentativas de moralizar, ou socializar, são feitas designações ao ministro da Instrução Pública francês para a criação de comissões com o intuito de criar testes para identificação de retardos de desenvolvimento, vistas por excelência como formas de cuidado e de estímulo[48]. Assim, ainda que não se possa registrar uma continuidade propriamente dita, nem uma sobreposição total das ideias entre uma pedagogia no século XVI e uma pedagogia psiquiátrica no século XIX, não deixa de ser observável a similaridade dos problemas que convocam suas estratégias educacionais sobre os corpos expelidos da norma, ou a maquinaria que a composição entre o saber e as estratégias de poder é capaz de produzir[49].

Em meio a essa infância asilar, estariam aqueles que, como preconizado por Esquirol[50], ou nunca haviam expressado suas faculdades intelectuais, ou não tinham recebido estímulo o suficiente para corresponder às crianças na mesma idade. Assim, fala-se de um ambiente no qual a categorização clínica e sua nosografia ainda estão por se formar, reunindo desde surdos a crianças encontradas nas selvas cuja integração à cultura havia sido dificultosa. Já na época em que Deligny[51] atuaria no COT, após a síntese de tais categorias clínicas sob o termo "infância inadaptada", realizada em 1943, estariam dispostas a "infância infeliz", a "infância em perigo moral" e a "infância

[47] Cf. SÉGUIN, E. *Traitement moral hygiéne et éducation des idiots et des autres infantes arriéres*.
[48] FOUCAULT, M. *O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)*, §2, p. 14.
[49] LINHALES, M.; SILVA, G. Op. Cit., §2, p. 8.
[50] ESQUIROL, E. Op. Cit., §1, p. 14.
[51] DELIGNY, F. *Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores*, §1, p. 11.

deficiente". Em seus registros, seria constante a observação de que os familiares apresentariam tais crianças como resultados de suas tendências hereditárias, que o autor ironizaria a partir do chiste, ou conceito: "heredo-católicas", em uma mescla do prefixo hereditário e do sufixo de cunho religioso.

O estudo do conceito de *moral* como é apresentado nos textos de Esquirol[52] ou de Séguin[53], bem como nas revisões realizadas por Foucault[54], tem sido alvo de debates em função de sua ambiguidade. Ainda que inicialmente possa ser compreendida a partir dos textos foucaultianos em sua formulação mais direta como ato de moralização, etiqueta restrita ou mesmo repercussão de preceitos religiosos, pesquisas como a de Freitas[55] colocaram em suspensão a compreensão dessa chave conceitual. Isso porque a retomada de obras e documentos não acessados, ou pouco explorados por Foucault, como em seu explícito uso do mito de Phillipe Pinel (1745-1826) — dada a alegada falta de materiais disponíveis — ter-lhe-iam permitido uma interpretação pouco precisa do termo. Para Freitas, elementos como a ideia difundida à época de que não havia laboratório melhor para investigação e prática dos princípios de socialização do que o asilo, como na referida menção a Bentham[56], deveriam ser colocadas mais seriamente em questão.

Com isso, se veria na ideia de 'tratamento moral', dentre outras, uma ideia técnica, metafísica, pedagógico-psiquiátrica, de algo que hoje poderíamos nos referir sob o termo *socialização*. Não obstante, reencontramos aqui novamente os elementos outrora adiantados nos estudos de Foucault[57] sobre Kant: a definição de homem convoca a compreensão de um modo de relacionamento que carrega em si uma centralidade teleológica e racional, uma *civilidade entre homens*. Para Freitas[58], assim, resguarda-se um profundo risco na experiência contemporânea em relação à misteriosa figura da moral. Mais do que um tigre de papel, que poderia ser desfeito com uma reforma física dos espaços — que, certamente, é importante e mesmo indispensável —, o isolamento social, o funcionamento monárquico e mesmo o emprego do autoritarismo estariam relacionados a questões de trato mais difícil: o trato com o problema da semelhança como única forma tolerável de convivência, e da semelhantização como única política de desenvolvimento.

Faz-se necessário, assim, pensar uma análise também moral — neste sentido, relativa aos costumes, às práticas e à convivência — para a compreensão do fenômeno da loucura e da infância inadaptada. Essa análise parece ser um dos eixos de leitura para o problema de Deligny[59]: ações ambientais e sobre os processos de convivência, mas que se furtam à semelhantização. Que se dão, portanto, na tentativa de não convocar a diferença em relação ao homem, mas de compreender essa figura como uma estadia

[52] ESQUIROL, E. Op. Cit., §1, p. 14.
[53] SÉGUIN, E. Op. Cit., § 1, p. 18.
[54] FOUCAULT, M. *O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)*, §2, p. 14.
[55] Cf. FREITAS, F. *A história da psiquiatria não contada por Foucault*.
[56] BENTHAM, Op. Cit. §3, p. 13.
[57] FOUCAULT, M. *Una lectura de Kant: introducción a la antropologia em sentido pragmático*, §1, p. 2.
[58] FREITAS, F. Op. Cit., §1, p. 15.
[59] DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*, §1, p.11.

possível e transitória, e, não, como uma identidade ou espécie naturalizada — considerar o humano como elemento ligado ao convívio e dotado de alteridade, de um campo de imprecisão. Esta seria, assim, uma questão física e estrutural somente enquanto forma de uma ética topológica, ou seja, de uma estrutura que favoreça a criação de um comum topológico entre diferentes. Uma formulação, claro, radicalmente diferente do que um manicômio é capaz de propor.

Neste ponto, ao se observar Erasmo[60] e Deligny[61], esses parecem realizar uma aproximação na qual nunca ocorre um cruzamento completo, mas o desdobrar de um problema. Por um lado, é próprio ao humanista que esse veja na educação um meio para convocar o pleno desenvolvimento do homem. Trata-se de um desdobrar da criança que só se faz ao conceder-lhe estímulo e mesmo autonomia na busca pelas virtudes que ligam o homem ao divino. Não lhe é por completo uma questão considerar aqueles que seriam refratários a essa plena realização, demorando em presentificar ou desconsiderando tal possibilidade. Acerca disso, nos caberia, talvez, imaginar se lhe seria aceitável pluralizar tal modelo ideal, ou se restaria completamente aproximar as diferenças ao homem racional, pleno. É a essa segunda opção que tende o poderio disciplinar que o sucede, em seu desenvolvimento de técnicas para regulação disciplinar do corpo infantil.

Por outro, Deligny se distancia daquilo que trata por "homenzinho", que busca medir o mundo e as estrelas conforme sua própria medida. Em sua obra, o humano é um ser de muitos rostos, que não se constitui à parte do mundo natural, e que se multiplica pelo convívio, ainda quando suas potencialidades e desejos parecem singulares ou incompreensíveis. Em sua etologia, o humano é uma face que se constitui em uma relação que se dá no espaço, que pode, inclusive, ser aberta com a linguagem, com as instituições, com a natureza e com as presenças próximas, mas da qual a semelhantização é ativamente expelida — não se sabe tanto sobre aquilo que se pode ser. Trata-se de reconhecer o rosto humano também naquilo que abandona o *fazer* pelo *agir*; abandonar o homem como princípio geral de compreensão e cartografar, primeiro, as estrelas.

Elogio À Idiotia

Texto normalmente mais evocado do que a pequena obra *Dos meninos* é o *Morias Encomium*, ou "Elogio da loucura", no qual Erasmo realiza uma curiosa sátira, na qual faz um ataque aberto à Igreja Católica. Na obra, a loucura se apresenta como uma personagem em monólogo que anuncia os grandes luxos de bispos e padres, bem como o papel da instituição religiosa nas guerras, ironizando as classes sociais e as instituições vigentes em seu tempo. Sua fala anuncia a loucura como um elemento próprio à criatividade cotidiana e que, assim, denuncia que o estudo dos sábios renascentistas de sua época estaria perdido em escritos antigos, longínquos, que já não falavam mais do momento histórico no qual viviam. A loucura emerge na fala do autor como aquilo que se perfaz em meio às paixões humanas, mas que, cotidiana, se insinua no interior do

[60] ERASMO. *Elogio da loucura (Encomium moriae)*, §4, p. 4.
[61] DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*, §1, p. 11.

homem para lhe mostrar as incompletudes e imperfeições, as contradições e as mazelas do seu tempo.

Mas, ainda que a loucura e a idiotia, inicialmente indiferenciadas, fossem ocupar os manicômios, junto a inúmeras outras formas de comprometimentos morais, estas noções tracejam histórias singulares entre si. Em contraste com a loucura em Erasmo, que assume local criativo e se insinua no interior do homem, a idiotia é pouco discutida. Normalmente, é convocada em meio às ofensas dirigidas à degenerescência descrita pelo autor, e, digna somente de lugar secundário, é atribuída diversas vezes à figura ingênua e grosseira, despojada das letras e dos jogos de poder. "Tendo estabelecido, em seus decretos, que salvaria os homens com a loucura da cruz, utilizou nessa tarefa apóstolos grosseiros e idiotas[62]. Ou, ainda, em outro momento: "Ora, onde haverá animal mais estúpido do que a ovelha? Antigamente, por desprezo e injúria, costumava-se dar esse nome às pessoas estúpidas e idiotas"[63].

Ainda assim, como é notável, o texto de Erasmo não recorre a um uso estrito do termo, como o faz com a loucura. Há, no máximo, um breve rascunho em paralelo que prenuncia a idiotia dos homens das letras e a idiotia dos apóstolos, que negligenciam, respectivamente, a vida prática e os conhecimentos letrados — idiotia como ignorância. O autor parece se colocar ao lado da idiotia desses últimos, os apóstolos capazes de levar à loucura divina. Para tanto, sua retórica irônica a convoca como elemento também comum aos homens, ainda que não o suficiente para ser atribuída a ela nome como Moria.

A idiotia, entretanto, assume papel central na operacionalização pedagógica e médica; em suma, na emergência do tratamento moral que busca conduzir o homem à sua plena realização[64]. Se consideramos que a fiscalização do desenvolvimento infantil e as formas de cuidado populacional dispendidos se articulam sobre o corpo da criança pequena, como argumentam Linhales e Silva[65], talvez a idiotia faça mais do que ser um apóstolo da loucura. As imagens constituídas em torno deste modo de ser denunciam sua relevância: a ignorância ante saberes, o retardo ante o que se espera que seja o homem, a incompletude ou, mesmo, o empuxo anárquico em resistência a uma monarquia corporal — a idiotia se forma como sobejo daquilo que resiste à formação do homem pela repressão institucional, pela normatividade ou mesmo pela persuasão de um cuidado sobre si próprio.

A "criança idiota", vista como uma predecessora do adulto problemático, é, em Esquirol[66] e Séguin[67], aquela cuja inatividade demanda a atividade extrema do seu mestre. É a partir desse ponto que se diferenciam as inúmeras estratégias que buscam redirecionar estes corpos para a faixa da normalidade, para a formação do homem ou para a atenuação do seu contraste com tal figura. Tais concepções didáticas convocam uma educação que se dá pela semelhantização como formulação moral e como elemento necessário para a socialização.

---

[62] ERASMO. *Elogio da loucura (Encomium moriae)*, §3, p. 66.
[63] ERASMO. *Elogio da loucura (Encomium moriae)*, §3, p. 64.
[64] ESQUIROL, E. Op. Cit., §1, p. 14.
[65] LINHALES, M.; SILVA, G. Op. Cit., §2, p. 8.
[66] ESQUIROL, E. Op. Cit., §1, p. 14.
[67] SÉGUIN, E. Op. Cit., p. 15.

É curioso, entretanto, que a semelhantização no interior desse pensamento pareça trazer consigo uma concepção bastante estrita dos modos possíveis de viver e de existir. A tragédia manicomial e a Segunda Guerra Mundial podem ser vistas, assim, como reveladoras de uma problemática da ordem da diferença, cujo trato, no contexto da infância inadaptada em Deligny, passa por uma socialização, ou moral, diferente; que se orienta para o espaço, para a etologia e para o dessemelhante como horizontes éticos de uma convivência que não se dá nem às vias do utilitarismo e nem, a rigor, parte da formulação de um humanismo teleológico.

Se ao lermos *Elogio da loucura* certamente não buscamos propor uma romantização da experiência do louco, tampouco um "Elogio à idiotia" deve recair em tal equívoco. Mas a loucura convoca um desafio bem recebido e trabalhado por Erasmo[68]: há, nela, produtividade, arte e mudança. Se, ao pensarmos a idiotia, considerarmos que ela não é somente a não realização do homem, mas uma entidade de alteridade radical, da qual desconhecemos as potencialidades, e com a qual é possível estabelecer relações de convivência, em potencial reconhecemos que há, nela, a curiosa extensão do rosto de um humano para além do homem. Um desafio, por certo, à captura do tratamento moral, para o qual o elogio da loucura é aceito somente em doses comedidas de produtividade e o enfoque na criança é sua pedagogia corporal e moralização.

A ideia do homem como estado e a relação com o *dessemelhante* são os pequenos motes da obra marginal de Deligny, para a qual a grande aposta em acompanhar as formas de se habitar o território e de se desenvolver convivências são as principais contribuições. Esguia, a obra do autor acerca dos chamados "vagabundos eficazes" é aforística e se furta às formulações totalizantes, propondo, em sua guerrilha asilar, novas políticas (des)civilizatórias. Isto quer dizer, por certo, não um contraponto à educação, ou à educação para todos, mas uma crítica aos seus impulsos individualizantes, normativos ou totalizantes.

Entre Fernand Deligny, Erasmo de Roterdã e tantos outros, o que se pode convocar é uma perspectiva histórico-conceitual: o emergir e o submergir de ideias e, mesmo, das metafísicas que as fundam. Por vezes, termos como "moral" nos parecerão facilmente ultrapassados para o saber psiquiátrico, até que se vire a esquina e, em um susto, encontre-se com a sua atualidade ante uma "socialização do divergente". Enquanto outros, aparentemente inovadores, como a "educação para todos", nos farão soar uma série de alarmes e se mostrarão mais antigos e dificultosos do que sua primeira máscara. A tais estranhos exercícios, talvez se possa dispor um ensaio, mas, sempre, convocá-lo à sua fundamental e salutar inconclusão. Se um elogio à loucura convoca a lembrança de que a desrazão possui suas potências, um elogio à idiotia convoca a lembrança de que nem sempre se sabe, ao se observar um trajeto cartográfico de uma criança autista, quando um de seus desvios convocará a descoberta de uma nova forma de ser, de habitar e de conviver. Continua sendo uma questão fundamental o que tal desvio convoca às raízes da educação contemporânea.

[68] Cf. ERASMO. *Elogio da loucura (Encomium moriae)*.

Considerações Finais

Neste ensaio, o que se propôs foi a realização de um breve encontro, em grande medida artificial, entre a obra de Erasmo de Roterdã e Fernand Deligny. No caminho percorrido com alguma falta de pudor cronológico, alguns elementos merecem ser destacados. Primeiro, pode-se notar que as experimentações práticas e conceituais de Deligny são dotadas de nítida relevância no que se refere às experiências educacionais que se pretendem não normativas, ao propor estratégias ambientais e institucionais que favoreçam a convivência sem atrelar a educação à semelhantização. Ainda, que tais estratégias parecem relevantes por considerarem uma perspectiva outra sobre a etologia humana e seus aspectos, deslocando-se do homem como identidade para um homem que é como um estado ou modo de ser, dentre outros mais ou menos diferentes.

Em segundo lugar, ao se recuar até Erasmo, vê-se que o homem também é objeto de sua preocupação, mas de forma diferente. Tal identidade é convocada como forma unificadora que lhe permite ultrapassar as classes sociais na concepção de uma educação para todos, demonstrando o esforço de propor uma civilidade que inaugurasse, ou firmasse a relação entre o interno e o externo, entre a etiqueta e o homem profundo. Nessa direção, sua obra parece introduzir a pedagogia moderna, e mesmo boa parte da pedagogia contemporânea, orientadas aos processos de simbolização, dando extensão a uma tradição compósita de pensamentos ligados ao âmbito simbólico da experiência.

Em terceiro lugar, vê-se como o perfil educacional e civilizatório desejado, que emerge com o humanismo, ressoa com certa forma de empirismo na arquitetura e na formulação dos asilos, como na obra de Bentham[69]. Com isso, essa conjunção normativa carrega consigo a problemática manicomial e a sua perigosa implicação com processos de isolamento social. Ainda que este texto não seja suficiente para convocar relações de causa e efeito, a emergência da figura da norma, como, igualmente, a emergência da figura do homem, tensionam conceitualmente na produção de uma pedagogia orientada à produção do mesmo e da semelhança. Tal articulação convoca, por fim, ao desafio educacional contemporâneo sobre este novo lugar, no qual lógicas diferentes disputam espaços arquitetônicos e práticas educacionais no interior das óticas semelhantes e dessemelhantes que convocamos ao pensar o antigo problema do humano e do inumano, do simbólico e do real, diante da experiência.

Referências bibliográficas

ARAGON, Luís. "Deligny clínico". In: *Cadernos Deligny*, nº 1, pp.175-182. Disponível em: https://cadernosdeligny.jur.puc-rio.br/index.php/CadernosDeligny/article/view/23?articlesBySameAuthorPage=3. Acesso em 09/02/2024.

ARIÈS, Phillipe. "Por uma história da vida privada". In: *História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

[69] BENTHAM, J. Op. Cit. §3, p. 13.

BENTHAM, Jeremy. "O panóptico; ou a casa de inspeção". In: *O panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, pp.13-88.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1966.

DELIGNY, Fernad. *Pavillon 3*. 1. ed. Paris: Les éditions opéra, 1944.

DELIGNY, Fernand. *Semente de crápula: conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la.* São Paulo: n-1 edições.

DELIGNY, Fernand. *Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores*. São Paulo: n-1 edições. 2018.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DELUMENEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.

ERASMO. *De pueris (dos meninos): a civilidade pueril*. São Paulo: Editora Escala, 2008.

ERASMO. *Elogio da loucura (Encomium moriae)*. São Paulo: Atena Editora, 2002.

ERASMO. *De utraque verborum ac rerum copia lib. II*. [S.L.]: Barth Fuhrmannus. Disponível emhttps://play.google.com/store/books/details?id=6G08AAAAcAAJ&rdid=book-6G08AAAAcAAJ&rdot=1 Acesso em 02/08/2024.

ESQUIROL, Étienne. *Des maladies mentales: considérées sous les rapports medical, hygiénique et médico-legal*. Londres: Libreire de l'académie Royale de medecine, 1838, p.284. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k85089d/f237.item#. Acesso em 09/02/2024.

FICHET, Maxime. *Fernand Deligny: un innovateur social aux prises avec les circonstances (1938-fin des années 1950)*. Paris: Université Paris 1 Panthéon Sorbonne, 2016. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/52808045.pdf Acesso em: 09/02/2024.

FOUCAULT, Michel. *Una lectura de Kant: introducción a la antropologia em sentido pragmático*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A história da loucura na idade clássica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. *O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREITAS, Fernando. "A história da psiquiatria não contada por Foucault". História, ciência e saúde: Manguinhos, nº 1, 2004, pp. 75-11. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/vV9RdYRWThb7KYrwM9xm6xd/?lang=pt. Acesso em 11/02/2024.

LINHALES, Meily; SILVA, Geovanna. A educação do corpo da criança pequena como um projeto civilizador: ressonâncias no debate educacional brasileiro (Minas Gerais, décadas de 1920 e 1930). In: *Anuario de Historia de la Educación*, nº 1, v. 21, 2020, pp. 107-124. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2313-92772020000100107&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 03/08/2024.

MARGOLIN, Jean-Claude; MICHEL, Alain. "Un Maître ouvrage de pédagogie humaniste: le plan des études d'Érasme (1512)". In: *Bulletin de l'association Guillaume*. [S.L.].: nº 3, 1976, pp. 273-275. Disponível em:

https://www.persee.fr/doc/bude_0004-5527_1976_num_1_3_3369 Acesso em 02/08/2024.

MATOS, Sonia. "O pedagogo francês Fernand Deligny (1913-1996) e a sensibilidade estética da existência autista". *Revista entreideias: educação, cultura e sociedade*, nº 2, 2016, pp. 97-102. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/17983. Acesso em 10/02/2024.

MENDES, Maria; CASTRO, Eliane. "Fernand Deligny e uma clínica por vir: mobilizações sobre modos de cuidar em saúde mental na infância e adolescência". In: *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, nº 1, 2020, pp. 343-355. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cadbto/a/vkV5hwWmSf78Yw6Fv8KQR7S/?lang=en. Acesso em 09/02/2024.

PINTO, Fabrina. "O *De Ratione Studii* (ou Plano de Estudos), de Erasmo de Rotterdam". *Letras Clássicas*. São Paulo: nº 13, 2009, pp. 28-47. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73921 Acesso em: 02/08/2024.

PINTO, Marcel; JARDILINO, José. "A educação no alvorecer da modernidade: 'o projeto pedagógico' de Erasmo De Rotterdam". In: *Revista Imagens da Educação*. Maringá: nº 2, 2022, pp. 182–199. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/56890 Acesso em: 09/02/2024.

REVEL, Jacques. "Os usos da civilidade". In: *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROCHA, Maurício; MIGUEL, Marlon. "Fernand Deligny, Spinoza e o "o homem-que-nós-somos"". In: *Cadernos Deligny*. Rio de Janeiro: nº 1, 2018, pp.183–193. Disponível em: https://cadernosdeligny.jur.puc-rio.br/index.php/CadernosDeligny/article/view/24 Acesso em 01/02/2024.

SÉGUIN, Edouard. *Traitement moral hygiéne et éducation des idiots et des autres infantes arriéres*. Paris: Libraire de l'académie royale de medecine, 1846. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k770708.texteImage. Acesso em 09/02/2024.

SÉVERAC, Pascal. "L'agir au lieu de l'espirit". In: *Cadernos Deligny*. Rio de Janeiro: nº 1, 2018, pp.202-224. Disponível em: https://cadernosdeligny.jur.puc-rio.br/index.php/CadernosDeligny/article/view/27 Acesso em 09/02/2024.

SPIES, J. *Historia vnd Geschicht Doctor Johannis Faustj*. Halle: R. Petsch, 1587. Disponível em: https://www.lernhelfer.de/sites/default/files/lexicon/pdf/BWS-DEU2-0280-01.pdf Acesso em 09/02/2024.

WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. Petrópolis: Vozes, 2012.

Recebido / Received: 14/02/2024
Aprovado / Approved: 12/09/2024